

ARTES VISUAIS & INCLUSÃO EM JOÃO PESSOA, PARAÍBA, BRASIL

Robson Xavier da Costa

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

RESUMO

O Projeto Artes Visuais & Inclusão consiste em uma ação de pesquisa ação/extensão, de caráter permanente, que objetiva a inserção de aulas semanais de artes visuais para crianças e jovens com deficiências e idosos nas instituições atendidas. O projeto pretende dar continuidade e/ou inserir novas atividades de artes visuais em instituições sociais e inclusivas na cidade de Joao Pessoa, Paraíba, Brasil. A investigação ação esta fundamentada na perspectiva do paradigma da inclusão, a partir dos estudos de Mantoan (2003), utilizando a pesquisa qualitativa participante, a partir da definição de Demo (2008), aplicando a abordagem da crítica genética proposta por Salles (2008) e o Estudo de caso a partir de Yin (2005). O resultado das vivências e das relações de socialização entre os participantes gera a produção de trabalhos criativos, que refletem o processo expressivo desenvolvido durante as aulas de artes visuais e favorecem a socialização dos sujeitos inseridos nos grupos atendidos. As iniciativas possibilitam o aumento da autoestima, o desbloqueio do potencial criativo e a inserção ativa do sujeito na comunidade, assim como a ampliação do ensino/aprendizagem das Artes Visuais em contextos não formais de Educação Inclusiva em Joao Pessoa, Paraíba, Brasil.

Palavras Chave

Ensino das Artes Visuais; Educação inclusiva; Educação não-formal.

ABSTRACT

The Visual Arts & Inclusion Project consists of a permanent action / extension research action that aims to introduce weekly visual arts classes for children and young people with disabilities and the elderly in the institutions served. The project aims to continue and / or insert new visual arts activities in social and inclusive institutions in the city of Joao Pessoa, Paraíba, Brazil. The research is based on the perspective of the inclusion paradigm, based on the studies of Mantoan (2003), using qualitative participant research, based on the definition of Demo (2008), applying the approach of genetic criticism proposed by Salles (2008) and the Case Study from Yin (2005). The result of the experiences and socialization relationships between the participants generates the production of creative works, which reflect the expressive process developed during the visual arts classes and favor the socialization of the subjects inserted in the groups attended. The initiatives allow the increase of self-esteem, the unlocking of creative potential and the active insertion of the subject in the community, as well as the expansion of teaching / learning of Visual Arts in non-formal contexts of Inclusive Education in Joao Pessoa, Paraíba, Brazil.

Keywords

Teaching of Visual Arts; Inclusive education; Non-formal education.

A arte e inclusão

O trabalho com pessoas com deficiências e/ou idosos provém de um caminhar histórico em torno das políticas públicas que se estruturam no Brasil desde a implantação da educação especial. Esta educação englobava atividades tradicionais do currículo pedagógico, dentre elas o estudo das artes visuais, a partir da dimensão lúdica, proporcionando maior interação entre os participantes, em grupo e/ou individualmente, estimulando a percepção multissensorial e criativa.

Na educação especial já havia o ensino das artes visuais, utilizado como uma ferramenta, segundo Ferreira (2010) a arte pode “desenvolver a linguagem verbal, e a coordenação motora; explorar aptidões em oficinas de arte aliadas à pedagogia” (FERREIRA, 2010, p. 60), o trabalho com artes visuais a partir de noções de atividades práticas e criativas visa estimular a autonomia dos participantes.

As artes visuais podem ajudar no desenvolvimento da criança, dos jovens e dos idosos, favorecendo a integração e inclusão das pessoas na sociedade, minimizando a exclusão sociocultural.

O estudo obedece as seguintes etapas de trabalho:

1. Atividade quinzenal e/ou semanal com cada grupo de participantes, com o objetivo de realizar atividade de artes visuais com pessoas com deficiências e/ou idosos, analisando as relações das artes visuais no processo de socialização dos/as participantes;

2. Observação dos grupos em todas as atividades (oficinas) no decorrer dos anos, por meio de registros fotográficos e anotações dos comentários das crianças, jovens e dos idosos. Aos poucos, todos/as os/as participantes foram se familiarizando com a atividade proposta, permitindo que o desenvolvimento de trabalhos espontâneos e prazerosos;

3. Análise qualitativa dos dados coletados. A pesquisa ação permite análises teóricas dos fenômenos sociais, baseadas no cotidiano das pessoas e em uma aproximação crítica das categorias e das experiências diárias (RICHARDSON, 1999).

A arte pode proporcionar oportunidade de desenvolvimento emocional, encorajamento e confiança, e também, o sentimento de valor, favorecendo o crescimento global dos portadores de necessidades especiais [pessoas com deficiências]. Portanto, a arte é um conteúdo especial que deve estar sempre presente na educação de todo ser humano (FERREIRA, 2010, p. 61).

O “Projeto Artes Visuais & Inclusão” tem sido desenvolvido desde 2014, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, Paraíba, Brasil, com o objetivo de favorecer a autoestima, a socialização, a coordenação motora, o desbloqueio do potencial criativo e a inserção ativa das pessoas com deficiências e ou idosos/as na comunidade por meio das atividades artísticas. As atividades de artes visuais são realizadas quinzenalmente e/ou semanalmente nas instituições parceiras, com crianças, jovens, adultos e idosos.

O projeto também incentiva a criatividade e a imaginação ativa, a partir da *multissensorialidade*. Os/as participantes podem acessar conteúdos inconscientes ou conscientes, vinculados às suas ações e relações familiares durante a vida, além de fomentar reflexões diante das dificuldades existenciais, ressaltando os potenciais e habilidades, minimizando as diferenças e a exclusão social.

O ensino das artes visuais pode favorecer o trabalho de socialização das crianças, jovens e idosos, as atividades que associam dinâmicas, jogos, aulas de campo e produção expressiva, aproximam os grupos do universo da cultura e permitem que conheçam as artes visuais, além de estimular o processo criativo.

Segundo Gardner (1997), o desenvolvimento humano passa pelo ato de brincar, essa ação que estimula a imaginação e os processos criativos é de fundamental importância para que as crianças e jovens e os idosos estabeleçam laços de amizade e aprofundem relações parentais ao longo da vida. As brincadeiras e os trabalhos lúdicos por meio das artes visuais possibilitam aos participantes vivenciar questões do cotidiano, resolvendo conflitos e descobrindo o mundo ao redor, a partir da criação individual e coletiva de imagens e aprendendo a expressar suas opiniões sobre elas.

Considerando que os idosos que passam a residir em instituições de longa permanência, tornam-se membros de uma nova comunidade, vivenciando uma brusca ruptura de seus vínculos relacionais e afetivos, e passam a conviver cotidianamente com pessoas desconhecidas e conseqüentemente a adaptar-se e submeter-se a normas e regulamentos da instituição.

Considerando que o envelhecimento é uma etapa natural na vida das pessoas, segundo Zimerman (2000), não se pode ignorar a necessidade de darmos atenção à velhice no âmbito institucional, político, econômico e da saúde. As pessoas idosas têm necessidades próprias, características e peculiaridades que devem ser respeitadas e atendidas.

A aceitação da velhice como parte do ciclo da vida humana, é um modo de entender toda a trajetória do processo de envelhecimento. Valorizar a si mesmo e entender que em cada fase da vida o ser humano adquire novas maneiras de encarar as diversificadas situações do cotidiano é o desafio.

A pessoa idosa é portadora de conhecimentos e experiências adquiridas em sua trajetória de vida. Infelizmente no Brasil, ainda temos uma cultura que tende a considerar os idosos como seres decadentes e ultrapassados, um sujeito que não aprende e que já não tem mais a contribuir. Os idosos são excluídos do convívio social, minimizados no contexto familiar e muitos/as acabam na condição de internos em uma instituição.

A população idosa brasileira necessita de atendimento diferenciado e específico garantido pelo estatuto do idoso (regulamentado pelo decreto nº 5.130 de 07 de julho de 2004). LEI Nº 10.741, de 01/10/2003, um instrumento jurídico de direito para o/a cidadão/ã brasileiro/a (BRASIL, 2009). Da mesma maneira, a Lei Brasileira da Inclusão, Lei nº 13.146 de 6 de Julho de 2015, que institui a lei brasileira da pessoa com deficiência, garante legalmente os direitos das pessoas com deficiências no Brasil.

Este projeto de pesquisa ação/extensão busca respeitar a legislação brasileira no que diz respeito aos direitos das pessoas com deficiências e idosos, atendendo também a demanda de formação necessária para os/as professores/as de artes visuais em formação na UFPB.

1. As Instituições Parceiras – configurando o campo da investigação

O Instituto dos Cegos da Paraíba (ICPAC) é uma entidade filantrópica de direito privado, sem fins lucrativos, beneficente, autônoma e de caráter educacional, passou a ter personalidade jurídica em 08 de Junho de 1944. Para iniciar os trabalhos do Instituto dos Cegos, a senhora Adalgisa Cunha dispôs de um espaço cedido no Lar da Providência, lar de longa permanência e acolhimento para pessoas idosas, enquanto era construído o prédio que até hoje é sede própria desse Instituto, na Avenida Santa Catarina, nº 396 – Bairro dos Estados, na cidade de João Pessoa.

O ICPAC atende crianças, jovens e adultos com deficiências visuais e baixa visão, cerca de 60 estudantes na faixa etária entre quatro a dezoito anos estão atualmente matriculados na instituição, em regimes de semi-internato e externato. Na escola, as crianças e adolescentes recebem atendimento nas mais variadas modalidades: educação musical, informática, atividades de educação física e prática desportiva, além das quatro séries do ensino fundamental. A equipe do Instituto acompanha os/as estudantes que obrigatoriamente devem estar matriculados/as na rede regular pública e privada de ensino.

A Associação Ame Down – Seção Paraíba (Ame Down PB), também é uma instituição sem fins lucrativos que congrega pessoas com Síndrome de Down, familiares,

amigos e profissionais, promovendo a integração e a inclusão social, possibilitando visibilidade, por meio de atividades que minimizam preconceitos e potencializa suas habilidades. A Ame Down PB tem poucos anos de fundação e em 2016 inaugurou sua sede temporária no Parque Arruda Câmara em um espaço cedido pela Prefeitura Municipal.

A Instituição de Longa Permanência para Idosos Vila Vicentina Júlia Freire (VVJF) é uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos criada em 1944 e reconhecida como de utilidade pública, abrigando atualmente cerca de 60 idosos, com idades entre 60 e 105 anos, oferecendo refeições diárias, abrigo e cuidados pessoais. Está localizada no bairro da Torre, na cidade de João Pessoa – PB.

1.1 EAV no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC)

O trabalho realizado no ICPAC por meio do “Projeto Artes Visuais & Inclusão” teve início em 2014 e tem como objetivo desenvolver e intensificar a autoestima, a socialização, a coordenação motora, o desbloqueio do potencial criativo e a inserção ativa dos/as indivíduos/as com deficiências visuais na comunidade por meio das atividades artísticas. As atividades de artes visuais são realizadas semanalmente com crianças e jovens, tornando-se um instrumento importante na reabilitação dos/as usuários.

O projeto tende, também, a incentivar a criatividade e libertar a imaginação, desenvolvendo a *multissensorialidade*. No trabalho desenvolvido, as pessoas podem acessar conteúdos vinculados às suas ações e relações familiares durante a vida, o projeto busca fomentar reflexões diante das dificuldades existenciais, ressaltando os potenciais e habilidades dos sujeitos.

O Projeto se insere no âmbito da pesquisa na área de arte/educação inclusiva com a proposta de desenvolver a criatividade, utilizando diversas técnicas para estimular os sentidos remanescentes, por meio das diferenças na percepção. No início da prática a proposta foi incentivar a produção artística abordando a História da Arte na contemporaneidade, porém houve resistência dos participantes. Esta dificuldade pode estar relacionada com a reversão da atenção, pois foge da referência visual de cada um. Então, utilizamos outra abordagem, deixando-os à vontade, para criarem a partir da leitura de mundo, sempre utilizando a modelagem como suporte, e conforme a orientação das professoras do Instituto iniciando com o estudo das formas geométricas. A partir da memória tátil logo surgiu a produção de objetos utilitários e frutas em cerâmica.

Diante desta realidade, desenvolvemos o trabalho no ICPAC sobre as memórias dos/as estudantes, a partir da aplicação da pesquisa qualitativa. A função dos/as bolsistas

e voluntárias foi estimular o manuseio do material, orientar sobre o aperfeiçoamento das técnicas e apoiar os/as estudantes diante de suas dificuldades.

Na condução dos trabalhos, nossa abordagem voltou-se para o incentivo às crianças/jovens para criarem objetos a partir da sua realidade e seus interesses. O resultado foi imediato, surgiram instrumentos musicais (baterias) e bonecas; alguns tiveram dificuldade com relação à coordenação motora e noção de espaço para executar a forma dos objetos, mantendo-se apenas no movimento circular e produzindo bolinhas de barro.

Verificamos a heterogeneidade do grupo com estudantes com deficiências visuais e múltiplas deficiências como autismo e hiperatividade. A estudante M.E. sempre é muito concentrada no que faz, tem raciocínio lógico muito rápido, ótima coordenação motora e noção de espaço.

(...) considerando que o professor, como vidente, dispõe de pouca experiência sobre o perceber sem a visão. Assim, para poder programar sua ação educacional, ele necessita, nesta situação específica, interrogar-se e descobrir se tem oferecido condições para o que o portador de deficiência visual [pessoa com deficiência visual] tem a dizer-lhe de seus próprios caminhos para perceber e conhecer (MASINI, 1993).

O ICPAC fornece o espaço, o material necessário para o desenvolvimento das atividades tem sido adquirido com esforço pelos/as estagiários e voluntários. Os/as estudantes que frequentavam as aulas, nem sempre mantinham a assiduidade semanal necessária para o caminhar sistemático do aprendizado. Procuramos seguir o ritmo dos/as próprios/as estudantes, o trabalho é lento, mas percebemos progressos nas crianças que possuíam os maiores bloqueios.

1.2 EAV no Lar de Longa Permanência Vila Vicentina Júlia Freire (VVJF)

Na VVJF as atividades do Projeto de Pesquisa Artes Visuais & Inclusão da UFPB, são desenvolvidas desde 2014, com um grupo de oito pessoas idosas, a partir de encontros quinzenais, com duração de três horas. Trabalhamos com o ensino das artes visuais como estratégia para inserção social da pessoa idosa e como mecanismo capaz de melhorar a qualidade de vida dessa população.

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa ação/extensão. Trata-se de um processo que segue um ciclo, resumido em: ação, reflexão e investigação sobre uma determinada prática (COSTA, 2010). Os dados estão sendo coletados por meio de oficinas (atividades de

expressão artística) e anotações no diário de campo, onde os/as pesquisadores/as descrevem os acontecimentos do decorrer da prática e por meio dessas descrições podem-se criar outros tipos de recursos para a intervenção.

A população da pesquisa corresponde em média 08 pessoas idosas com idade entre 60 e 86 anos, moradores da VVJF, localizada no bairro da Torre, na cidade de João Pessoa – PB. Trata-se de uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos.

Durante as vivências analisamos os processos de criação (composição visual) de cada participante e verificamos que os elementos reforçaram a individualidade e o universo do imaginário. Os/as participantes retratam recorrentemente com massa de modelar, figuras de familiares, associados aos relatos das histórias de vida e da chegada à instituição. Bem como, desenham e pintam imagens que retratam suas histórias de vida.

1.3 EAV no grupo da Associação Ame Down Paraíba (Ame Down PB)

No ano de 2015, o projeto de pesquisa ação/extensão ampliou o trabalho inserindo um grupo de 10 jovens com síndrome de Down e seus pais/mães, participantes do grupo da Associação Ame Down de João Pessoa, Paraíba, Brasil. As atividades iniciadas em agosto de 2015, por meio de reuniões com a direção da Associação para definições dos encaminhamentos da pesquisa. As atividades de campo foram iniciadas em setembro do mesmo ano, com encontros quinzenais com a participação direta dos pais/mães e os jovens com síndrome de Down. Até novembro do mesmo ano realizamos quatro encontros com duração de 2 a 3 horas de duração, desenvolvendo atividades de pintura com tempera vinílica (PVA) e pigmentos sobre papel, a partir de 2016 os encontros passaram a ser quinzenais.

As atividades com o GT da Ame Down PB são desenvolvidas no Laboratório de Práticas Artísticas Experimentais do Departamento de Artes Visuais (DAV) da UFPB, aos sábados. Temos regularmente a participação de 10 a 12 jovens com Síndrome de Down e outros déficits intelectuais acompanhados pelos pais. No primeiro ano do projeto testamos as habilidades manuais dos participantes, suas experiências com pintura e artes visuais, por meio do trabalho com tonalidades de cor, trabalhamos com misturas de cores, a partir da distribuição de tinta PVA branca e pigmentos nas cores básicas, azul, amarelo, vermelho e preto, para que os participantes misturassem o pigmento produzindo suas tintas.

Após o preparo das tintas, iniciamos a pintura sobre papéis, com uma cor por vez e sua derivação a partir da mistura com preto e/ou branco, cada cor teria de ser trabalhada separadamente, apesar de ser utilizada no

mesmo suporte. Durante os encontros onde desenvolvemos essa atividade observamos que a maioria dos/as participantes não conseguiu compreender a proposta, trabalharam livremente utilizando apenas a cor oferecida pelos facilitadores e pintando campos de cor em preto e branco separadamente, sem produzir as misturas de cores, nem as tonalidades possíveis.

Uma das participantes M¹. desde o primeiro encontro apresentou uma peculiaridade em relação a produção visual, falta de domínio de espaço, executando o trabalho com movimentos bruscos e largas pinceladas, utilizando excesso de camadas de tintas cobrindo toda a extensão do papel. Devido a essa especificidade foi necessário ampliarmos o tamanho do papel para os trabalhos dessa participante, bem como aumentar a gramatura do mesmo, que ameaçava rasgar devido ao excesso de tinta, passamos a utilizar cartolina guache como suporte (figuras 01 e 02).



Figura 01 – 3º encontro grupo focal Ame Down – pintura têmpera vinílica

Foto: Robson Xavier – outubro 2015

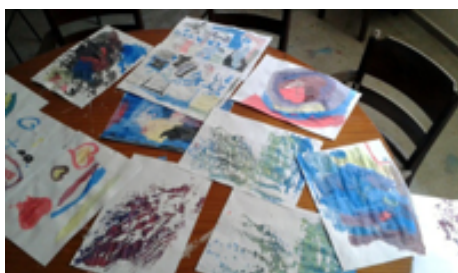


Figura 02 – 3º encontro grupo focal Ame Down – pintura têmpera vinílicaFoto: Foto: Robson Xavier – outubro 2015

A partir de novembro de 2015, continuamos o trabalho com pintura com tempera vinílica. Este trabalho consistiu em uma produção coletiva, feita a quatro mãos com os/as pais/mães em parceria com os/as filhos/as. Ao iniciarmos a atividade fizemos uma conversa inicial perguntando aos participantes se eles sabiam o que era

¹ Quando tratarmos diretamente sobre os participantes do projeto utilizaremos apenas a inicial dos nomes, para evitar identificação.

paisagem, as plantas, os animais, todos/as responderam “natureza”, então o tema da atividade surgiu da compreensão dos/as participantes. Os/as Pais/Mães e os/as filhos/as fizeram uma caminhada pela UFPB recolhendo folhas, flores secas, pequenas pedras e galhos, que fosse possível colar no trabalho, como elementos naturais (figuras 03 e 04).



Figura 03 – 4º encontro grupo focal Ame Down – pintura coletiva pais/mães e filhos/filhas – tema minha natureza

Foto: Lukas Li – novembro 2015



Figura 04 – 4º encontro grupo focal Ame Down – pintura coletiva pais/mães e filhos/filhas – tema minha natureza

Foto: Lukas Li – novembro 2015

A partir de 2016 ampliamos as atividades desenvolvidas a partir de experimentações com diversos materiais e suportes. O número de participantes se manteve o mesmo, com pequenas alterações. Foram incluídas atividades de campo, tais como visitas a ateliês e instituições culturais em outras cidades do estado da Paraíba e estados vizinhos.

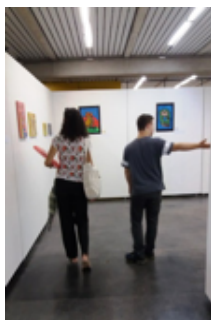
2. Discutindo os resultados da pesquisa

Ao longo dos quatro anos (2014 a 2018) de funcionamento do Projeto Artes Visuais & Inclusão na UFPB, identificamos mudanças significativas relativas ao processo de socialização dos/as participantes dos grupos, que passaram a interagir cada vez mais entre si e com a equipe de trabalho; quanto ao empenho durante a execução das atividades artísticas, os/as participantes passaram a cuidar melhor dos materiais utilizados, demonstrando maior

interesse no projeto; quanto a valorização do próprio potencial criativo, os/as participantes e familiares passaram a expor os trabalhos desenvolvidos durante as oficinas nas residências das famílias e as instituições passaram também a exibir os trabalhos nas suas sedes.

Em 2016 realizamos a primeira Exposição Arte Eficiente na Pinacoteca da UFPB atingindo um número de 600 visitas em um mês de exposição. A monitoria da exposição foi feita pelos próprios participantes do projeto, que receberam os/as estudantes e servidores da UFPB e grupos de visitantes das escolas públicas da cidade.

Em 2017 a segunda exposição do resultado do projeto foi realizada no Hall de Exposições do Centro Cultural Ariano Suassuna, no Tribunal de Contas do Estado da Paraíba, com ampla divulgação e repercussão em todo o estado (figuras 05 a 08), contabilizando mais de 1.000 visitantes durante os dois meses de exposição.



Figuras 05, 06, 07 e 08 – Exposição Arte Eficiente – 2016 e 2017.

Cartazes das exposições Arte Eficiente 1 e 2.
Fotos das exposições: Bhadra, 2016 e 2017.

Os resultados desta pesquisa demonstram que o projeto tem atingido seus objetivos, pelos seguintes motivos:

1. Desenvolvido atividades atividade de artes visuais com pessoas com deficiências e/ou idosas, quinzenais e/ou semanais, com cada grupo, analisando as relações das artes visuais no processo de socialização dos/as participantes;
2. Observado os grupos em todas as atividades (oficinas) no decorrer dos anos (2014 a 2018), por meio de registros fotográficos e anotações dos comentários das crianças, jovens e dos idosos;
3. Desenvolvido análise qualitativa dos dados coletados;
4. Realizado a inserção e valorização da produção expressiva dos/as participantes no mercado local por meio da economia criativa.

Ao longo do desenvolvimento do projeto as imagens dos trabalhos artísticos desenvolvidos pelos/as participantes do grupo da Ame Down PB, tem sido utilizadas na produção de objetos comerciais (camisetas e canecas), que foram vendidos no final de 2017, durante a Expo Arte Eficiente, para gerar recursos para manutenção das atividades (figuras 9 e 10).



Figuras 9 e 10 – Objetos comerciais com imagens dos trabalhos dos/as participantes do GT Ame Down PB.

Fotos: Robson Xavier. 2017.

Considerações Finais

O desenvolvimento das atividades sociais pode ajudar na socialização do grupo durante as oficinas de artes visuais, no entanto, o estímulo quanto à produção visual ainda precisa ser intensificado nos três grupos (Ame Down PB, VVJF e ICPAC), a maioria deles/as não costuma fazer atividades de artes fora dos encontros do projeto.

Alguns participantes produziram trabalhos com uma composição visual bem distribuída no papel, utilizando campos de cor, outros fazem formas muito pequenas desconsiderando o espaço do papel, no entanto, todos/as desenvolvem as atividades sugeridas e/ou trabalham com temas de seu interesse, tais como: namoro, casamento, declarações de amor para os/as pais/mães e histórias de vida.

Todos podem aprender. Sabe-se hoje, com a mais sólida base científica, que a inteligência não é um dom. É, sim, um processo. Fica-se inteligente aprendendo. E esta é a marca universal do ser humano. Inclusive as pessoas e educandos de comprometimentos orgânicos ou emocionais podem ser atores eficientes da cena do ensino-aprendizagem como está sendo demonstrado com evidência por pesquisadores em muitas partes do mundo (BARBOSA, 2003, p. 97 -98).

O ensino de artes visuais com pessoas com deficiências e suas famílias ou com idosos, pode contribuir para a socialização e integração social do grupo, favorecendo a autonomia nas atividades cotidianas, estimulando o melhor relacionamento entre a família e filhos/filhas e os idosos/cuidadores/as, estimulando o desenvolvimento do potencial criativo e da imaginação dos participantes.

O ensino de artes visuais pode contribuir para o desenvolvimento global e a educação integral dos jovens com deficiências e dos idosos, favorecendo a integração com diferentes grupos sociais, além de estimular a criatividade, o contato com a arte e cultura pode minimizar os processos de exclusão social.

A partir da confiança estabelecida durante as vivências em grupo, foi possível identificar a dinamicidade do trabalho e observar a importância do contato das pessoas com deficiências e idosos com atividades que possibilitem sonhar, pensar, refletir, imaginar e acima de tudo criar seus símbolos e trabalhar com o imaginário pessoal e coletivo.

Este projeto de pesquisa ação/extensão é uma atividade permanente do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (GPAMI/UFPB/CNPq) e do Laboratório de Artes Visuais Aplicadas e Integrativas (LAVAIS). Nesta pesquisa ação/extensão tentamos quebrar as barreiras que nos separam dos/as crianças e jovens com deficiências e dos idosos ampliando o espaço para o diálogo.

Os/as participantes estão cada vez mais envolvidos/as nas ações do projeto de pesquisa.

Consideramos que as atividades desenvolvidas com as crianças e jovens com deficiências e com idosos constituem-se em processos de aprendizagens para todos/as os/as participantes do projeto de pesquisa.

Algumas variáveis merecem destaque: A) o êxito na realização das tarefas inicialmente propostas, cumprindo o prazo estabelecido para a execução das mesmas. B) a quantidade considerável de novos conhecimentos adquiridos pelos/as participantes; C) a ampliação do campo para estágio dos/as estudantes dos cursos de artes visuais (licenciatura e bacharelado) da UFPB na área de arte/educação inclusiva.

Ressaltamos que a experiência do projeto de pesquisa ação/extensão Artes Visuais & Inclusão, demonstra respeito ao potencial criativo dos sujeitos envolvidos, bem como, favorece o empoderamento dos/as participantes do projeto.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Estatuto do Idoso. Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003.

_____. Regulamenta o art. 40 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso), e dá outras providências. Decreto nº 5.130, de 07 de julho de 2004.

_____. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015.

COSTA, Robson Xavier da (Org.). *Arteterapia & Educação Inclusiva: diálogos multidisciplinares*. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos*. 2ª Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FERREIRA, Aurora. *Arte, Escola e Inclusão: A Arte como meio de desenvolvimento dos Portadores de Necessidades Visuais*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

GARDNER, Howard. *As artes e o desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. *Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MASINI, Ensie F. Sazano. A Educação do Portador de Deficiência Visual – as perspectivas do vidente e do não vidente. In: *Revista Em Aberto*. Brasília, Ano 13, n. 60, out./dez. 1993. Disponível em: < <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/888/795>>. Acesso em: 30 out. 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry et. al.. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística*. São Paulo: EDUC PUC, 2008.

SERRA, Helena. *Educação especial: Integração das crianças e adaptação das estruturas de educação: estudo de um caso*. Braga, Portugal: ESEPF, 2002.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZIMERMAN, G. I. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.